

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

DIOGO VERARDI PREDEBON

O cômico e a construção autoral do ator: descrição e análise do espetáculo
T.E.C.O.

Porto Alegre

2018

DIOGO VERARDI PREDEBON

O cômico e a construção autoral do ator: descrição e análise do espetáculo
T.E.C.O.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em
Teatro, Habilitação Interpretação no
Curso de Teatro do Departamento de
Arte Dramática do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Celina Nunes
Alcântara

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Predebon, Diogo Verardi

O cômico e a construção autoral do ator: descrição e análise do espetáculo T.E.C.O. / Diogo Verardi
Predebon. -- 2018.

49 f.

Orientador: Celina Alcântara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ator cômico. 2. Personagem. 3. Comédia. I.
Alcântara, Celina, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso “O cômico e a construção autoral do ator: descrição e análise do espetáculo T.E.C.O.” elaborado por Diogo Verardi Predebon, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Teatro, com habilitação em Interpretação Teatral.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dra. Celina Nunes de Alcântara

Prof.^a Dra. Cristiane Werlang

Prof.^a Dra. Patrícia Fagundes

“O tudo é o tudo e o nada é o nada. E o
tudo e o nada se encontram nas pontas
do infinito”

Dr. Palestra

AGRADECIMENTOS

Antes de começar a agradecer às pessoas que me ajudaram a realizar este trabalho, gostaria de frisar que não escrevi pensando em uma ordem de importância, absolutamente todos aqui me ajudaram neste percurso que foi um dos mais importantes da minha vida. Começo, então, pelo começo de tudo: Obrigado à minha mãe e pai por não terem hesitado em apoiar minha escolha de cursar teatro, que assistiram a todos os espetáculos em que participei - até mesmo por várias vezes. Sem dúvida, o apoio emocional e financeiro que recebi de vocês foram essenciais à minha dedicação ao curso.

Aos meus avós: Antônio, Carminha, Mario e Flávia. Que igualmente me apoiaram e sempre torceram muito pelo sucesso da minha trajetória dentro e fora da universidade.

Obrigado ao apoio de toda minha família que se faz sempre presente nas apresentações das peças de teatro que participo e me inspira muito para criação de meus personagens.

Teatro não se faz sozinho, sem meus colegas tudo teria sido muito mais difícil. Agradeço a eles, especialmente ao Bruno Fernandes, meu grande amigo e diretor do espetáculo T.E.C.O, além de ser um magnífico ator e diretor que me ensinou e ensina muito. Lado a lado, tivemos uma linda trajetória dentro da universidade e gostaria que essa parceria se estendesse e continuasse nas nossas vidas! A atriz maravilhosa Danuta Zughetto que me inspira e encanta com sua forma doce, disponível, técnica e sensível. Gabriela Poester, minha amiga e diretora que me ajudou a descobrir o que eu queria e quem sou como artista nesse meu período de vida. Espero assim, me redescobrir e reinventar sempre, em constante movimento. Silvana Rodrigues que até já foi minha mãe em cena, que tem uma presença que me aconchega. João Pedro Cé com seus dedos mágicos que me encantam através da música. Thais Dietrich – Viva o badalo! - que prontamente me ajudou com figurinos, independente do horário por amor ao trabalho que faz. Augusto Schnorr que sempre que precisei também me ajudou na caracterização.

Agradeço a todos que comigo dividiram palco, olhares verdadeiros e o espaço na universidade: Suzane Cardozo, Juçara Gaspar, Rita Spier, Rodolfo Rucheinsky, Naomi Luana, André Varela, João Gabriel Om, Flávia Reckziegel, Ander Belotto. Mais que colegas, são amigos.

Por últimos, não menos especiais, são meus agradecimentos as professoras e professores que estiveram junto comigo na trajetória do curso. Especialmente. Celina Alcântara, a diva da voz que com seu olhar atento e generoso fez com que eu descobrisse o potencial do meu corpo ator. Patrícia Fagundes que do começo ao fim do curso sempre me acompanhou com ensinamentos e inspiração. Minha primeira professora de atuação, Cristiane Werlang que me deu carinho e aprendizado. Enfim, todos que sempre forma atenciosos comigo nas salas de aula e pelos corredores: Laura Backes, Carmen Lenora, Camila Bauer, Inês Marocco, Daniel Fraga, Clóvis Massa, Ana Zanandréa, André Rosa, Suzi Weber, Chico Machado, Luciana Éboli, Carina Corá, Gisela Haybeyche e Mesac Silveira.

Agradecimento especial à Britney Spears e Francisca Magalhães.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar, descrever e analisar quais foram os dispositivos utilizados no processo de criação da construção de personagens cômicos e da dramaturgia das cenas na peça T.E.C.O. (Tratamento Especial para Compulsivos Obsessivos), produzida no Estágio de Atuação do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2016. Que recursos, ferramentas, jogos foram usados para a criação das personagens e seus textos? De que modo esses recursos influenciaram na composição das personagens? De quais modos poderiam quebrar com paradigmas e estigmas sociais relacionados a formas de discriminação, preconceito e exclusão? O humor tem ou teria uma função social? Qual função social do humor? Foram as questões que pautaram o encaminhamento das discussões deste texto. Discute-se, também o modo como o universo do cômico foi atravessando as experiências, referências e percepções deste artista em formação. Para a análise, foram utilizadas ferramentas teóricas propostas por Judy Carter, Henri Bergson, Constantin Stanislavski e Grace Gianoukas. Conclui-se que a partir deste processo de criação e análise foi possível desenvolver a criação de personagens bem como o aprofundamento dos mesmos. Compreendeu-se que não há apenas uma forma ou um caminho para este processo, pois ele é dinâmico e está em constante transformação. Além disso, nos percebemos de que, na composição do personagem e da cena cômica, o fato de não enrijecer o modo de fazer possibilita a abertura para novas formas de criação. De tal maneira que a arte possa estar viva e passível de ser reinventada.

Palavras-chave: Ator Cômico; Construção de Personagem; Comédia; Humor; Processos de Criação.

ABSTRACT

This work pretends to describe, investigate and analyze the devices used on the creation process of making comic characters and scene dramaturgy of the play "T.E.C.O (Especial Treatment to Obsessive Compulsive), produced as an acting project on the Department of Dramatic Arts of the Federal University of Rio Grande do Sul in 2016. Which resources, tools and games were used for creation characters and text? In which way those resources influenced the character composition? In what way could it break social paradigms and stigmas related to discrimination, prejudice and exclusion? Does humor have or would it have a social function? What is the social function of humor? I start from the perception that has appeared since I have shown interest to the comical universe and to seek references. To make the analyses, I use theoretical tools proposed by Judy Carter, Henri Bergson, Constantin Stanislavski e Grace Gianoukas. I conclude that in this process I accomplished my goals, I found the devices for creating character and further, to deepen them. I realized there is not only one way of doing the process, because of its dynamics and constant transformation. From the moment we perceive it and do not fix ourselves on only one rigid form of construction, we enable the opening of new forms of creation in a way that art can be alive and always capable of being reinvented.

Keywords: comic actor; character construction; comedy; humor; creational process.

SUMÁRIO

Introdução

1. O DESEJO	13
2. O INÍCIO DO PROCESSO	15
3. A FESTA	19
4. A REUNIÃO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	29
7. ANEXOS	32

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso pretendo analisar quais foram os dispositivos que me auxiliaram na criação e escrita dramatúrgica dos personagens cômicos na peça *T.E.C.O. (Tratamento Especial para Compulsivos Obsessivos)*. Que recursos, ferramentas, jogos foram usados para a criação das personagens e seus textos? De que modo esses recursos influenciaram na composição das personagens? De quais modos poderiam quebrar com paradigmas e estigmas sociais relacionados a formas de discriminação, preconceito e exclusão? O humor tem ou teria uma função social? Qual função social do humor?

A partir destas questões, tomando como referência o processo de criação do espetáculo cômico *T.E.C.O. (Tratamento Especial Para Compulsivos Obsessivos)* bem como ideias de autores e autoras que se debruçam sobre a comicidade na cena – dentro e fora dela – empreendi esta discussão. Parto de uma percepção que tem me atravessado desde que comecei a tomar gosto pelo universo do cômico e buscar referências.

A comédia não é só fazer rir. Acredito que é também fazer refletir. Olhar e pensar o mundo em volta. Pensar de maneira diferente. É também identificação. Acredito que a comédia, gênero teatral cujo propósito é divertir pelo tratamento cômico das situações, pode ser pensada como algo em comum que partilhamos, tem relação com a região que vivemos, com a língua que falamos, as comidas que comemos, os hábitos que cultivamos, etc. Isto se acirra mais, do meu ponto de vista, num espetáculo de teatro, onde há troca do ator com os espectadores e entre os próprios espectadores.

O riso gera um diálogo entre o próprio público. Às vezes eu o sinto como se fosse uma maneira de mostrarem uns aos outros que compartilham da mesma referência ou que igualmente entenderam a piada, como a pessoa sentada na cadeira ao lado. O riso é também compartilhar o momento, a ideia e a situação. Rir com alguém é diferente de rir sozinho. Para Bergson, por exemplo, trata-se de que,

Por mais franco que o suponham, o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria que quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários. Quantas vezes já não se disse que o riso do espectador, no teatro, é tanto mais largo quanto mais cheia está a sala? (BERGSON, 2007, p.5)

Sou homem, branco de classe média e tenho que reconhecer o lugar desde onde falo e os privilégios que tenho. Penso que o comediante precisa ter consciência de si, de seu lugar social, da sua função como alguém que pode disseminar e corroborar determinadas ideias para que não reforce preconceitos no discurso difundido por seus personagens.

É importante, do mesmo modo, saber a quem o seu discurso se endereça e o que quer dizer com ele. Conforme aprendi nas disciplinas da Graduação em Teatro a comédia surgiu na Grécia antiga para que o povo pudesse rir dos poderosos. Era um momento em que era permitido falar mal dos governantes, por exemplo.

Enquanto a tragédia grega era fundamentada na temática mitológica, a comédia não tinha nenhum padrão rígido. Ela tendia a criar situações absurdas e, dentro destas, elaborar uma crítica essencialmente política aos governantes e aos costumes da época. O surgimento da comédia só foi possível por causa da democracia, conquistada no século V a.C., quando a liberdade de expressão atingiu um nível inigualado na história para os chamados homens livres (escravos, mulheres e estrangeiros eram excluídos deste direito). (PIRES, 2010, p. 9)

Me dou conta que meus personagens sempre acabam sendo de uma classe social elevada. Acredito que isso seja devido a diferentes fatores que tem me constituído como ator, mas também como sujeito de um tempo / espaço social. Neste sentido, minha convivência familiar, o gosto que desenvolvi pelo gênero comédia e o fato dos meus primeiros personagens cômicos terem sido desenvolvidos num processo de criação que tratava de eventos sociais vividos por famílias de classe média, classe média alta Porto-Alegrense- cidade onde nasci e vivo até o momento - influenciou profundamente essa escolha.

Em relação ao processo de criação, propriamente dito, refiro-me ao espetáculo *Moscas* (2015) dirigido pela colega Gabriela Poester, no qual, criei meus primeiros personagens a partir do universo de bailes de debutantes, leilões, natais de família, velórios, etc. a partir do modo muito particular como

essa classe social trata/vive tais eventos. Isto aconteceu deste modo não só pelo universo do *Moscas* ser esse, mas também por ser de pessoas que conheço. Nesse sentido, procuro fazer personagens que tenham certa proximidade ao meu universo de experiências para tentar ir mais a fundo neles. Segundo Julia de Moraes Pires:

Para Molière, imitar (no sentido de apontar determinado comportamento) os reis é afirmar a participação de todos os grupos não aristocráticos e de toda a sociedade. Trata-se de uma reivindicação em favor da penetração recíproca de todas as consciências pelos modelos culturais até então reservados a uma elite. (2010, p. 10)

A partir desta breve reflexão para pensar a comédia, o riso, o humor e as relações sociais, vou empreender uma descrição do processo de criação para situar melhor o meu objeto de estudo.

O espetáculo T.E.C.O., desenvolvido no meu estágio de atuação no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, teve a direção do também estagiário do curso de Direção Bruno Fernandes e assistência de direção da colega Silvana Rodrigues. A orientação do trabalho de atuação foi feita pela professora Celina Alcântara e do trabalho de direção pela professora Patricia Fagundes. Minha colega de cena foi a atriz Danuta Zaghetto, a trilha sonora original, executada ao vivo, pelo músico João Pedro Cé, a proposição e produção dos figurinos foram feitas pelos colegas Thais Dietrich e Augusto Schnnor. A construção dramatúrgica, ou seja, histórias, textos, cenas foi feita em sala de ensaio por mim, Bruno, Danuta e Silvana.

A narrativa da peça se trata de uma reunião de um grupo de viciados anônimos. Para dar vida aos personagens, dois atores se revezam em monólogos fazendo diferentes personagens cômicos. Além disso, contamos com um músico que executa a trilha sonora original ao vivo. O público é recebido nessa “reunião” pelo apresentador e idealizador da mesma, o personagem Vini, interpretado por mim. Vini é quem explica as regras do T.E.C.O. para o público que, nesta proposição cênica, é participante desta reunião. As regras anunciadas por Vini são:

1. Só é permitido expor os vícios dentro do *círculo do bota pra fora* (círculo imaginário convencionado dentro do espetáculo como espaço onde os depoimentos podem ser feitos);
2. É proibido mentir (a não ser que esse seja seu vício);
3. É proibido julgar verbalmente os parceiros do *T.E.C.O.*. (quando um participante percebe que estava prestes a julgar o outro, ele deve colocar suas mãos para cima e movendo a boca, porém sem emitir sons dizer “bota pra fora”)

Logo após a explicação das regras a reunião é declarada iniciada e Vini pergunta aos participantes/plateia quem gostaria de ser o primeiro a dar um depoimento - ou nas palavras do texto do espetáculo: “botar algo pra fora”. A ideia aqui era, ao mesmo tempo, situar o universo da peça ao abrir a possibilidade para a participação do público – como convidados da reunião conforme a narrativa dramática proposta – e dar a deixa para que a atriz Danuta Zaghetto iniciasse sua cena.

Neste momento, então, entra em cena a personagem Paola, atuada por Danuta. Ela sai de trás de uma cortina onde estava escondida ao lado da plateia e se oferece para ser a primeira a participar do círculo do bota pra fora. Ela revela o seu vício em “usurpar”, ou seja, furtar, roubar coisas e até pessoas.

Após esta cena vinha outra, comigo agora, como o personagem Digão, um jovem adulto viciado na prática e *life style* do *surf*, um personagem bastante inspirado no meu círculo de amigos e familiares. A personagem seguinte a entrar era Greta, representada pela Danuta, e tratava-se de uma senhora com um forte sotaque alemão e viciada em patê. Quando greta acabava seu discurso o apresentador Vini voltava a cena e perguntava para algumas pessoas do público no que eram viciadas.

Vini fazia a sua cena explicando seus vícios, que foram muitos durante sua vida e por isso resolvera criar a reunião. Um pouco antes do fim da apresentação de Vini ouvimos batidas na porta que o interrompem é quando Danuta entra com a personagem Rafaela uma adolescente, viciada em telefone celular.

Depois desta cena são apresentados dois personagens infantis que dividem o palco, de um lado eu, interpretando uma criança viciada em prédios da construtora Goldsztein e do outro está Danuta interpretando uma criança viciada em balas.

Após a cena das crianças eu entro com o personagem Carlos Alberto Campos Rosenfelt, um homem viciado nitidamente em cocaína, porém metaforizado em seu discurso como vício em cafezinho preto. Após o Carlos é a vez de Danuta vir com a personagem Fátima que é viciada em discursos. Na cena ela discursa sem parar até ser interrompida pela volta de Vini para o encerramento da reunião com uma canção “Vícios todo mundo tem, Botar pra fora é o que faz bem” (Canção criada por Danuta, Bruno, João e eu no processo do espetáculo).

O DESEJO

A primeira vez que tive uma ideia concreta para a qual eu realmente desejava trabalhar no meu estágio foi em julho de 2015, no final do primeiro semestre, após a apresentação da cena final da disciplina Atelier I. Na escadaria da Borges, em frente ao teatro de Arena eu falei para a professora da disciplina Ana Zanandrea que eu gostaria de fazer um show de humor como estagio. A professora na hora me incentivou e disse que seria muito legal experimentar um trabalho assim dentro da universidade.

Na época eu estava assistindo muito ao programa Prêmio Multishow de Humor¹ que me inspirou esta vontade de trabalhar com monólogos de comédia, no formato de esquetes, que são pequenas cenas cômicas com um ou mais atores e que duram no máximo dez minutos.

Além da referência do programa Prêmio Multishow de Humor tinha também o meu grande desejo, a bastante tempo, de trabalhar o humor como ator. Dentro da universidade pude experimentar diversos estilos de atuação. No entanto, no momento que dependia apenas da minha escolha, nesse caso o estágio, optei pelo humor, algo que aparentemente sempre tive mais propensão a executar. Algumas ferramentas cômicas que percebo no meu

¹Concurso de comediantes exibido no canal Multishow.

trabalho como ator são meu tipo físico bastante magro, nuances inesperadas que faço com a voz, raciocínio rápido, entre outras.

Tenho muita afinidade com meu colega Bruno Fernandes, diretor do Estágio. Fomos colegas em diversas disciplinas ao longo do curso e também já havíamos trabalhado juntos em um espetáculo originado na disciplina Dramaturgia do Encenador em 2014, *Sarah*, que esteve no projeto *Novas Caras* e no *TPE* (Teatro Pesquisa e Extensão da UFRGS) em 2015. Decidimos que faríamos juntos o estágio quando estávamos na disciplina Atelier II.

Na ocasião o currículo da universidade tinha previsto dois estágios para os alunos com ênfase em atuação e direção. Então, na disciplina de projeto de estágio escrevemos um projeto com o intuito de montarmos *A Trilogia Eros* de Nicky Silver como estágio I. Nicky Silver é o autor da primeira peça que eu atuei dentro da universidade em 2012, *Os Altruístas* (*The Altruists*). Também foi a primeira peça que eu trabalhei durante uma temporada, em 2013 no TPE.

A Trilogia Eros (*The Eros' Trilogy*) tem uma proximidade com o meu desejo de trabalhar monólogos de humor, pois é justamente essa a configuração da peça. São três monólogos que, segundo o autor, podem ser encenados de maneira independente ou não. E os textos de Nicky Silver são textos de humor ácido, reflexivo.

No início do ano, antes da reunião com os estagiários, eu e Bruno nos reunimos em minha casa e planejamos que caso houvesse dois estágios, no primeiro montaríamos o texto de Nicky Silver e no segundo faríamos algo autoral. Caso só houvesse um estágio optaríamos pelo trabalho autoral. Também nessa primeira reunião pesquisamos algumas referências de humor como as peças da *Terça Insana*², *Primeiro as Damas* (stand up comedy de personagens com Lucas Krug e Cris Pereira), *Cócegas* (peça de esquetes cômicas com atuação de Heloisa Pérrisé e Ingrid Guimarães) e um programa de humor no canal Multishow, estrelado pela atriz Tatá Werneck, chamado *Sem Análise*.

²Projeto humorístico criado por Grace Gianoukas em novembro de 2001. Grupo de atores que desenvolviam personagens cômicos e faziam esquetes com diferentes temas a cada semana, sempre nas terças-feiras.

Na reunião com os estagiários ficamos sabendo que o currículo havia mudado e que a partir de então aconteceria somente um processo de estágio como atividade de formação. A esta altura optamos pelo nosso plano B, ou seja, decidimos investir no trabalho autoral. Tínhamos como ponto de partida a certeza de que queríamos fazer comédia. Eu manifestei a minha vontade de fazer os monólogos de humor autorais, no estilo das peças da *Terça Insana*. Mas ainda não tínhamos decidido o que faríamos e como faríamos.

Também decidimos que chamaríamos uma atriz para atuar na peça junto comigo. Acreditávamos que mais uma atriz em cena traria mais dinâmica e diversidade para o espetáculo. Convidamos a atriz Danuta Zaghetto para o processo.

A minha orientadora de atuação foi a professora Celina Alcântara, professora da disciplina de Voz III e IV no departamento, com quem eu havia feito aula em 2013. A orientadora de direção do Bruno foi a professora Patrícia Fagundes.

O INICIO DO PROCESSO

Começamos o processo de criação tendo como referência maior e mais importante o *Terça Insana*, pois se assemelhava em diversos pontos o que nós desejávamos trabalhar no humor. Segundo Grace Gianoukas (2008), atriz e diretora do *Terça Insana*, em uma entrevista para o Jornal da PUC-Campinas, foi feito um trabalho com: “compromisso artístico com personagens originais, com abordagens inusitadas, um humor que revele a graça em situações inéditas, com elegância e inteligência crítica sobre o contemporâneo, sem reforçar preconceitos”. (GIANOUKAS, 2008, p. 07)

Essas são as características que me fascinam no trabalho desenvolvido pelos atores da *Terça insana*, a originalidade, a brincadeira e quebra de estereótipos sempre com uma crítica social latente em seus textos. E também capacidade dos atores de interpretarem diferentes personagens, e de um ser tão interessante e completo quanto o outro.

Os primeiros exercícios propostos pelo diretor foram jogos de improvisação, como no programa *Quinta Categoria*³ da MTV e do grupo *Barbixas*. Nesta parte do processo também convidamos outros atores, de fora do espetáculo para fazerem os jogos de improviso conosco. Os jogos por vezes eram de dupla ou grupo, outras vezes eram improvisações individuais. Os exercícios tinham como mote dois personagens se encontrando em um local pré-estabelecido, por exemplo, um velório.

Fazíamos também o jogo conhecido por “troca” quando dois atores estão num diálogo e alguém de fora diz “troca” e o ator tem que trocar imediatamente a palavra que disse. Outro exercício de criação foi aquele em que um ator vai para cena fazer um personagem que gostava muito de malhar, por exemplo, e outro ator fica de fora dublando esse ator que faz os movimentos, ações, deslocamentos, mas sem uso vocal.

Confesso que nessa parte do processo me senti muito inseguro por não achar minhas improvisações consistentes. Minha colega tem uma facilidade enorme de improviso e jogo e já nas primeiras improvisações conseguia fazer personagens com uma boa construção. Diferente de mim que preciso de mais tempo para conseguir desenvolver um personagem com mais consistência e que esteja apto para o jogo de improvisação.

Também no início do processo lemos o livro *Stand-Up Comedy: The Book* de Judy Carter com tradução de Emilio Boechat e Aldo Camolez (1989), recomendado por nossa colega, atriz de *stand-up comedy*, Nelly Coelho. O livro começa com um caráter motivacional dos motivos pelos quais subimos no palco. Dividido em passos, o livro vai dando dicas de como construir um roteiro de *stand-up* como se fossem pequenos segredos. Alguns desses segredos/dicas são: “Segredo #1: Não conte piadas; Segredo #2: Não conte histórias; Segredo #3: Não tente ser engraçado; Segredo #4: Seja sério; Segredo #5: Relaxe” (CARTER, 1989, p.3)

No livro há, também, pequenos exercícios para criação de textos e coisas que você nunca deve falar nas suas apresentações:

³Programa com jogos de improviso exibido entre 2008 e 2011 no canal MTV com apresentação de Marcos Mion

Piadas racistas. Não fale mal de negros, judeus, hispânicos, orientais e assim por diante a menos que aconteça de você ser negro, judeu, hispânico, oriental, etc. O mundo não precisa de mais racismo e você não precisa de um nariz quebrado. Isso também inclui falar mal dos homens se você é uma mulher e vice versa. Ao invés de “Mulheres são difíceis de se lidar...”, tente, “Eu tenho medo de mulheres fortes...” Expressar seus medos interiores ao invés de reclamar sobre os outros resulta em material melhor e o torna mais atraente. (CARTER, 1989, p.12)

Apesar do caráter de auto-ajuda que parece impregnar o livro, me dei conta que algumas sugestões procedem e foram úteis na criação deste trabalho. Por exemplo, a ideia de não usar o humor para disseminar posições preconceituosas e discriminatórias, o que eu considero importante. Além da importância de você ser capaz de se expor, de se colocar, para conseguir fazer humor, foi algo sobre o qual consegui pensar melhor a partir da leitura deste texto.

Outra lição importante é a da estrutura das piadas. Que são divididas entre *set up* que seria a preparação e *punch line* que seria a hora do desfecho. Algo que eu não sabia que existia e é essencial para a construção de um texto cômico.

Porém há diferença entre o stand up comedy e o trabalho com personagens que a meu ver realizamos. No stand up o comediante se apresenta “de cara limpa”, ou seja, muito próximo ao seu modo cotidiano de ser, contando suas histórias, verídicas ou ficcionais, e dando a sua opinião sobre o assunto tratado. Também no stand up comedy, pelo comediante estar no palco muitas vezes desprovido de artifícios teatrais, como uma indumentária, troca de luzes, cenário, etc o seu único aliado é o seu texto.

Então é importante que o comediante tenha um grande número de piadas no seu texto. Com uma preparação curta, geralmente de até duas linhas. Até pelo fato do seu público alvo ser, geralmente, frequentadores de bares noturnos. “Plateia dos night clubs, muito frequentemente, está bêbada e sua atenção tem curta duração”. (CARTER, 1989, p. 4)

Já no trabalho com personagens cômicos autorais, como da *Terça Insana*, denominado por Grace Gianoukas, como comédia de revista⁴, o ator pode dispor dos artifícios da cena, indumentária, luz, cenário ou não (no nosso espetáculo optamos por não ter cenário), etc.

Muitas vezes se faz um personagem que fala coisas ao contrário do que você acredita para poder criticá-las. Diferente do stand-up comedy no trabalho com personagens é possível contar histórias e não é necessária a preocupação com tantas piadas por minuto, porque a graça também pode estar em outras coisas, como no figurino, a maquiagem, gestos corporais, entonação vocal, e no próprio desfecho da história.

No entanto compreender a estrutura de um texto cômico foi essencial para o processo porque muitas vezes o tempo de um gesto, a entonação vocal, podem não vir com a precisão necessária para gerar o riso. Então vejo aí a importância de assegurar num texto bem estruturado os momentos de riso do espectador através de *punch lines* e *set ups* precisos. “O que muitas pessoas não imaginam todos os comediantes em atuação estruturam seus atos em fórmulas de comédias muito específicas”. (CARTER, 1989, p.5)

Ainda na fase inicial do processo, nos exercícios de improviso, experimentamos muitos personagens que não ficaram para o espetáculo, mas que de alguma forma continuaram em nosso corpo e ajudaram a trazer nuances e qualidades diferenciadas aos personagens finais.

Propus e experimentei a criação de cenas e personagens, tais como: o monólogo de um príncipe encantado necrófilo que só gostava de transar com mulheres mortas, o personagem não se desenvolveu muito mais que isso. Um personagem ultrarreacionário que lutava pela independência do Moinhos de Vento, um bairro de classe média alta de Porto Alegre, como um estado nacional.

⁴“Batizei o estilo da Terça Insana como "Comédia de Revista", porque trabalharmos com esquetes e cenas que são pequenas crônicas sobre o cotidiano do nosso país o que nos remete muito mais ao antigo teatro de revista brasileiro do que a qualquer estilo importado.” (GIANOUKAS, 2008, p. 7)

O personagem também acabou não se desenvolvendo o suficiente para entrar no espetáculo, mas vejo traços deste último em um dos personagens que foi a cena, o Carlos Alberto Campos Rosenfelt, homem viciado em “cafezinho preto”.

A FESTA

Depois de muitos ensaios e improvisações paramos para conversar e tentar definir o *frame*⁵ que colocaria esses personagens que estávamos experimentando em uma mesma situação. Dito pela orientadora de direção Patrícia Fagundes que nos ajudaria a definir o rumo que o espetáculo iria tomar. Ela deu alguns exemplos de *frames* usados em espetáculos de humor como, tais como: cabaret, show de horrores, show de variedades, etc.

Neste dia tivemos a ideia de fazer um espetáculo inspirado no jogo Detetive. Os personagens dariam depoimentos e o público faria votações e decidiria quem era o culpado. Não sabíamos muito bem como faríamos isto, mas por alguns ensaios esse foi nosso Norte. Fizemos experimentações nesse estilo depoimento/ interrogatório policial. Fazíamos dois ensaios práticos por semana e um que nos reuníamos na casa do Bruno para pesquisarmos referências juntos.

Foi num desses ensaios de referências que Danuta nos apresentou o canal da Flavia Pavanelli⁶, no *youtube*. O conteúdo dos vídeos do canal pouco tinha a ver com a referência do jogo Detetive. O canal se trata da vida uma menina rica e bonita, que já namorou um cantor famoso chamado Biel⁷. Um dos vídeos mais populares no canal, com cerca de 2 milhões de visualizações, é da festa de 18 anos da Flavia. Uma festa de muita ostentação, cheia de subcelebridades, e parentes não tão ricos e glamorosos da menina que davam um contraste interessante a festa.

A partir deste vídeo resolvemos situar a peça como a história de um crime com vários suspeitos, assim como no jogo, em uma festa de uma menina

⁵Situação em que a peça estaria inserida. Do inglês: “moldura”, “quadro”.

⁶Youtuber paulista, que dá dicas de moda e compras no seu canal.

⁷Cantor que fez publicações machistas, racistas e homofóbicas em seu twitter. Após o escândalo gerado pela repercussão de seu conteúdo, Biel resolveu dar uma pausa na sua carreira.

rica em um apartamento no bairro Três Figueiras, aqui na cidade de Porto Alegre. Usando essa ideia como mote para improvisações, e sempre usando o clima de depoimento, criamos diversos personagens que estariam nessa festa e dariam seus depoimentos, à polícia, sendo possíveis autores do crime.

A dona da festa, que nós chamávamos de Melissa, apareceu em uma tentativa de improvisação, mas optamos por deixá-la de fora e apenas citá-la nos depoimentos. Os personagens que experimentamos mais vezes foram: o pai da Melissa, a mãe, a vizinha, a empregada, a melhor amiga, uma prima criança e um primo jovem de vinte e poucos anos. Esses personagens não acabaram junto com a ideia da festa, pelo contrário, a maioria deles continuou até o resultado final do espetáculo.

Aos poucos fomos abandonando a ideia da festa da Melissa. Então optamos pelo *frame* da reunião de viciados. Onde a história de um não precisaria necessariamente complementar a do outro, mas que elas estivessem relacionadas pelo menos dentro de um mesmo tema. No nosso caso todos os personagens iriam à reunião para falar de algum vício. O que criava uma independência entre as cenas.

A REUNIÃO

Quando decidimos fazer a reunião de viciados as coisas começaram a ficar mais explícitas para mim. “*Só quando houve uma decisão é que o trabalho pode realmente começar (...) Paradoxalmente, são as restrições, a precisão, a exatidão, que possibilitam a liberdade*”. (BOGARTT, 2011, p. 82). A partir dessa decisão eu pude ver para onde caminharia o processo. Para onde eu deveria direcionar o meu trabalho com os personagens.

Foi aí que o “pai da Melissa” tornou-se o personagem Carlos Alberto Campos Rosenfelt, um viciado em “cafezinho preto”. Antes, como pai, ele dava o seu depoimento aos policiais e usava como justificativa o excesso de cafezinho preto que havia bebido quando, na verdade, havia cheirado cocaína na festa da sua filha, mas não podia revelar isso aos policiais.

Quando o foco da narrativa textual passou a ser o vício da personagem e não a tentativa de dissimular o que ele havia feito, ficou decidido que ele não mais faria um depoimento à polícia falando de um crime, mas falaria de si através do seu vício. Agora a história desse personagem se tornara mais livre para mim, porque dentro desse contexto (o de uma reunião de viciados narrando seus vícios) que delimitava a narrativa de uma forma mais aberta, eu poderia fazer a história desta personagem ir para onde eu quisesse independente do que dos personagens que viessem antes ou depois dele ou daquilo que eles relatassem.

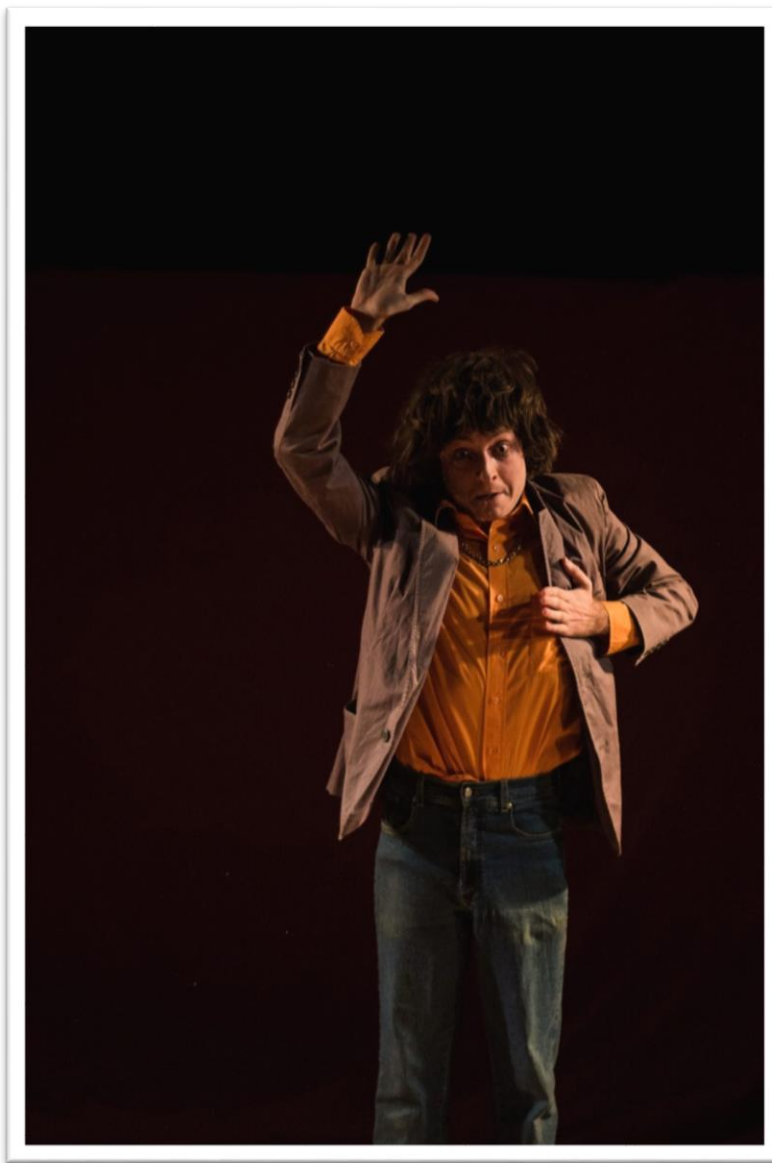


Figura 1 - Carlos Aberto Campos Rosenfelt. Foto: Qex, 2017. Segunda temporada de T.E.C.O. Sala 503 da Usina do Gasômetro.

Essa relação de independência das personagens também pode ser observada pelo fato de que a escolha da ordem das personagens que seriam apresentadas na peça veio somente depois de quase todas as cenas já estarem prontas.

Outro personagem que antes fazia parte dos depoimentos da festa Melissa e a partir do *frame* da reunião de viciados começou a se definir foi o “primo da Melissa” ou Digão. O personagem era um jovem de vinte e poucos anos de classe média alta como sua prima, que havia chegado na festa direto do litoral, onde estava surfando.

Assim como o “pai Melissa” no *frame* da festa eu não conseguia desenvolver muito bem as características do personagem pois ele precisava dar conta de abranger dentro de sua cena a grande história do assassinato que era contada. No ensaio seguinte a definição na primeira improvisação que fiz o personagem focando nas suas principais características que eram a prática do surf e sua condição social já consegui desenvolvê-lo de maneira muito mais fluida.



Figura 2 - Digão. Foto: Qex, 2017. Segunda temporada de T.E.C.O. Sala 503 da Usina do Gasômetro.

Vejo como procedimento recorrente na minha prática da criação de personagens referências que permeiam a minha esfera de vivência ou na convivência com pessoas que tenham alguma característica que eu possa inserir em meus personagens. Outro procedimento que reconheço é a pesquisa prévia direcionada a descoberta de características físicas, psicológicas e históricas em relação ao personagem.

O momento que sinto que desenvolvi de fato esses personagens foi a partir da definição do *frame*. Ambos vinham sendo trabalhados em sala de ensaio buscando um propósito que de alguma maneira não me incentivavam a desenvolvê-los mais profundamente. Assim percebo como a segurança e confiança que o ator tem em relação ao trabalho que está desenvolvendo também influenciam na capacidade de realizá-lo.

Os personagens já vinham sendo trabalhados, mas não via neles uma autonomia de pensamentos, vontades e ações de uma corporeidade consciente dada ao personagem. No caso de autonomia digo a vida do personagem, como a descrita por Stanislavski no papel dentro do ator:

Entre o grande número de papéis representados [por um ator] há alguns que dão a impressão de já virem se desenvolvendo em sua consciência interior há muito tempo. A um toque do ator o papel adquire vida, sem qualquer necessidade de pesquisa ou preparação mecânica. (...) O papel e sua imagem foram criados dentro dele pela sua própria natureza. (...) O ator deixa de representar e começa a viver a vida da peça. (...) Trata-se de um milagre(...), em função do qual nos dispomos a fazer quaisquer sacrifícios, a ser pacientes, sofrer e trabalhar. (Stanislavski, 1989, p. 147)

Em (...) momentos distintos, ou mesmo durante cenas inteiras, vocês se sentem dentro de seu papel, na atmosfera da peça, e algumas das sensações do personagem que representam aproximam-se muito das suas próprias. (...) Esta fusão com o seu papel é por nós definida como a conquista de uma sensação de vocês existirem dentro do seu papel, e de este existir dentro de vocês". (Stanislavski, 1989, p. 147-148)

Quando descobri essa vida nos personagens que estava compondo percebi um método de criação bem estruturado no meu trabalho. Já consciente da corporeidade e lógica para onde o personagem pode seguir.

Com o personagem Carlos no dia que entendi para onde eu iria direcioná-lo já propus para o diretor que eu começasse a improvisar o seu texto. No primeiro dia de improvisação com o que eu considero realmente o personagem oitenta por cento do texto da sua cena já estava pronto.

Eu vou improvisando o texto até uma parte, paro, ouço as orientações do diretor e da sua assistente e repito. A partir de onde eu havia parado continuo improvisando o texto. Na primeira repetição eu já o memorizava. Acredito que o texto de Carlos tenha sido criado na sua primeira parte em umas cinco pausas e repetições. Após criar todo o texto de improviso eu o repetia inteiro e depois o escrevia.

Em muitos momentos no processo do T.E.C.O. me senti inseguro e incapaz de realizar o trabalho que estava me propondo a fazer. Me sentia vulnerável e hesitante em comparação a minha colega de cena que parecia mais experiente e segura do que eu. Também pelas reações do diretor que assistia as cenas e muitas vezes não ria, pois para ele, após tantas vezes assistindo já não havia mais graça. De alguma forma aquilo ia me desestimulando e me travando no processo criativo.

A entrada de Silvana como assistente de direção se deu mais ou menos junto com a definição do *frame*, assim como a chegada de João para composição da trilha sonora do espetáculo. A chegada dos dois na sala ensaio me ajudou muito a ter confiança, pois para eles todo o processo era algo novo, que lhes causava a reação do riso que é muito importante para a criação do ator cômico. Então a entrada dos dois no processo também foi importante não só pelo seu auxílio na criação das cenas como também pela auto-confiança que me ajudaram a retomar.

Para o desfecho da cena de Carlos, Silvana me deu a sugestão de acabar tirando um saco com um pó branco do bolso e perguntar para o público: “Alguém aí trouxe café? Porque eu só trouxe açúcar”. Para a construção da finalização do texto, deste personagem, parte fiz como o exercício de escrita e parte improvisando em sala de ensaio.

Com o personagem infantil viciado em prédios da construtora *Goldsztein* me vi fazendo o processo inverso de criação. Primeiro criei o texto e depois fui descobrindo o personagem. A ideia de alguém viciado em prédios da *Goldsztein*, uma construtora de apartamentos para classe média/classe média alta, surgiu num exercício de improviso em que eu e Danuta revezamos quem ia a frente da cena e dizíamos algo em que éramos viciados e a partir dali criávamos um pequeno texto sobre esse vício. Tive essa ideia porque arquitetura é algo que muito me interessa e na infância uma das primeiras construtoras que descobri e visitava o site para ver as plantas dos apartamentos diariamente era justamente esta.

Vejo na criação deste personagem traços da autoficção. Trago experiências da minha vida para o texto do personagem. Não foi necessária pesquisa para a criação do texto, eu já tinha como referencia o que há na infraestrutura destes empreendimentos de alto padrão.

E para criação do personagem infantil eu não o distanciei muito de mim, e nem digo de mim na infância, mas o de agora mesmo. Procurei fazer uma criança com traços de adulto, que soubesse falar com propriedade do que lhe interessa e também usasse palavras mais rebuscadas que normalmente não são associadas a personagens infantis, como por exemplo, falar “idosos” em vez de “pessoas velhas”.

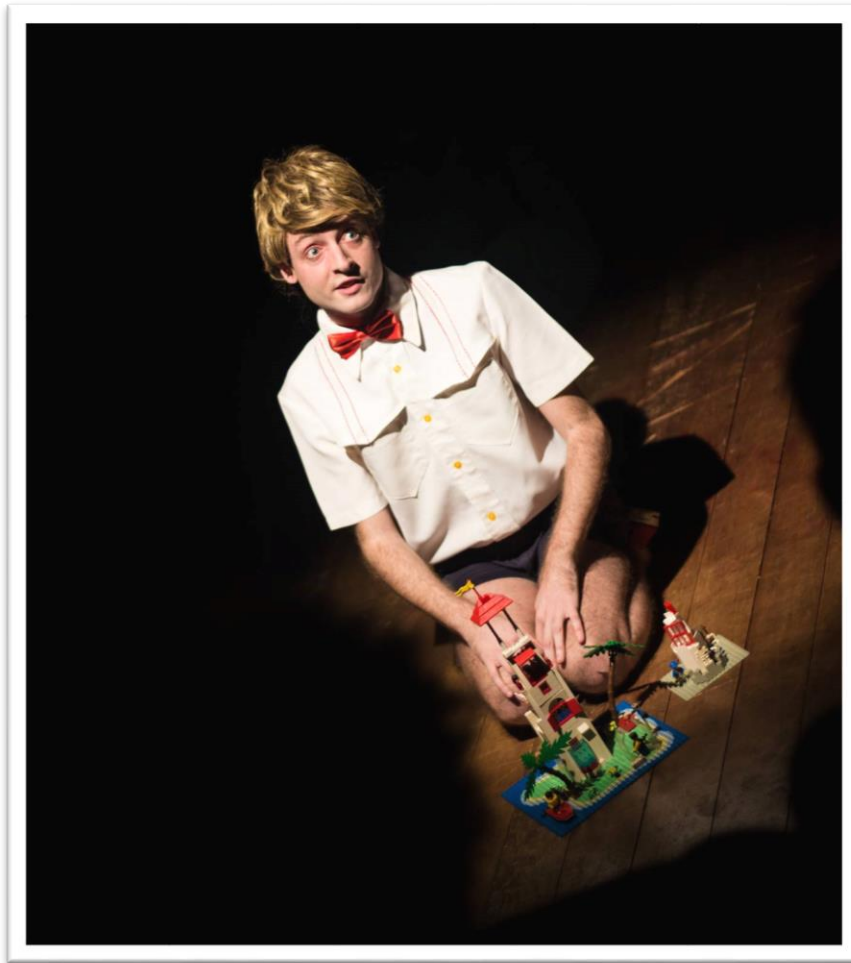


Figura 3 - Criança Goldsztein. Foto: Qex, 2017. Segunda temporada de T.E.C.O. Sala 503, Usina do Gasômetro.

Já o personagem Vini que foi o apresentador do T.E.C.O. foi o último a ser desenvolvido por mim. Eu estava num momento de bloqueio criativo, há poucos dias da estréia e não conseguia desenvolvê-lo. A ideia era de que fosse alguém viciado em vícios, porém este mote não me aguçava criativamente.

Dois dias antes da estréia a figurinista Thais Dietrich trouxe como proposta de figurino uma grande bata indiana. Foi nesse momento que me despertou quem era o personagem, a partir do figurino eu pude enxergar quem ele poderia ser. A partir daí fui para casa e escrevi o texto vislumbrando um personagem zen e apaixonado por livros de auto ajuda que achava ter muito a fazer pelo mundo e por isso havia criado a reunião do T.E.C.O.



Figura 4 - Danuta, com a personagem Fátima e eu com o personagem Vini. Foto: Qex, 2017. Segunda temporada de T.E.C.O. Sala 503 da Usina do Gasômetro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que de alguma maneira, desde quando me lembro, sempre consegui fazer os outros rirem seja no ambiente familiar ou entre amigos. No início da universidade, nos primeiros semestres de atuação na maior parte das vezes, quando improvisava, acabava levando a cena para um lado cômico. Certo momento me foi dito que eu deveria tentar explorar outras formas de atuação e, de fato, experimentei outras possibilidades, mas o cômico e o riso continuam a ser a minha preferência e prazer.

Neste sentido, falar sobre a atuação cômica neste Trabalho de Conclusão de Curso se tornou quase inevitável, principalmente com a experiência do Estágio de construção dos personagens cômicos para o espetáculo T.E.C.O. (Tratamento Especial para Compulsivos Obsessivos).

Um dos meus objetivos fazendo meu estágio dentro do curso era também poder seguir profissionalmente com o trabalho de forma independente,

fosse o espetáculo em companhia de outro(s) atores ou não. Hoje já usei alguns dos personagens criados na peça para trabalhos profissionais como o Prêmio Multishow de Humor e alguns shows de humor que fui convidado a participar.

As ferramentas teóricas as quais me aproximei ao longo do curso também me auxiliaram no processo de criação dos personagens cômicos. A noção de “papel dentro do ator” proposta por Stanislavski, em que explicita uma consciência interior pré-desenvolvida a um papel representado, me ajudou a conduzir diversos personagens que interpretei na peça. Ainda que, intuitivamente, eu percebesse esta ideia ao desenvolver tais personagens, não havia me dado conta do embasamento teórico que a conduzia. Reconhecê-la no meu trabalho possibilitou um aprofundamento e, mais do que isso, uma aproximação, no despertar da minha própria forma de criação cênica.

Ainda, conhecer o percurso histórico da comédia e a sua origem como forma de contestação dos poderes estabelecidos, me inspira a seguir adotando este gênero como minha mais recorrente forma de expressão teatral. Acredito que a comédia deve servir a esta função, como em sua origem, ao contrário da maneira com que muitas vezes vem sendo utilizada na forma de perpetuação de estigmas e preconceitos. Em tempos como os nossos, a comédia pode ser uma ferramenta fundamental para o confronto das injustiças e perdas de direitos fundamentais dos quais que temos sido alvos. Afinal de contas, como apontado por Moliere, segundo Pires (2010), rir dos que detém o poder é instaurar um processo democrático em que não só a elite possa falar do povo, mas que também possa ser falada por ele e, mais do que isso, em tom de deboche.

Neste processo me vi capaz de realizar o meu objetivo dentro dele, ou seja, de criar diferentes personagens cômicos e a dramaturgia de suas cenas e também de inseri-los no mercado de trabalho da maneira que eu desejava. Além disso, pude descobrir em mim dispositivos de criação de personagens e ainda, aprofundá-los. Compreendi também que não há apenas uma forma ou um caminho para este processo, pois ele é dinâmico e está em constante transformação. Aí a importância da aproximação com diversas ferramentas práticas de instrumentalização do corpo do ator, que apresentam não só uma,

mas várias formas diferentes de materialização das ideias. A partir do momento em que percebemos isso e não nos fixamos em apenas uma forma rígida

de construção, possibilitamos a abertura de novas formas de criação de maneira em que a arte possa estar viva e sempre passível de ser reinventada. Seja para fazer rir. Seja como forma de contestação. Seja para contestar através do riso.

REFERÊNCIAS

ABREU, Aloísio de. et. al. (Direção). *Cócegas*. Peça de Teatro registrada em Vídeo. Texto: Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães. Ano de Lançamento: 2004. Duração: 1h50min. Vídeo Publicado na Plataforma Youtube. *Cócegas – Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães*. Canal: *Luccas Werner*. Duração: 1h53min56s. Publicado em 04 set 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Zk8x6woIBU4> > Visitado em: 04 abr 2016.

ANTÔNIO, Pedro; QUEIROGA, Rafael. (Direção). Série de Televisão. *Sem Análise*. 1. temporada, 4 episódios. Elenco: Tatá Werneck et. al. Rio de Janeiro: Multishow. Transmissão Original: 05 nov 2013 à 26 nov 2013. Disponível em NETNOW. Assistido em: 04 abr 2016.

ANTÔNIO, Pedro. (Direção). Programa de Auditório. *Prêmio Multishow de Humor*. Apresentação Rafael Studart e Fábio Lins. Revival, 6 temporadas, 120 episódios. Júri: Sérgio Mallandro et al. Rio de Janeiro: Multishow. Transmissão Original: 18 ago 2012 à 07 jul 2017. Disponível em NETNOW. Assistido em: abr 2014 à ago 2017.

BERGSON, Henry. *O Riso – Ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOGART, Anne, *A Preparação do Diretor: sete ensaios sobre arte e teatro*; Tradução: Ana Vianna; Revisão de tradução: Fernando Santos – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CARTER, Judy. *Stand-up Comedy: The Book*. Tradução: Emilio Boechat e Aldo Camolez. São Paulo, 2009. Disponível em: < https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=stand-up-comedy-the-book > Acesso em: 04 abr 2016.

GIANOUKAS, Grace. Entrevista. In: *Mural: Jornal da PUC-Campinas - Informativo quinzenal da Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, ano IV, n. 75, p.07. Entrevista concedida a Ciça Toledo. 13 à 26 out 2018. Disponível em: < <https://www.puc-campinas.edu.br/handlers/arquivos/?arquivo=360> > Acesso em: 16 jun 2017.

GIANOUKAS, Grace; FRANCO, Paulo Prestes. (Direção). *Terça Insana: Ao Vivo em SP*. Vol. 1. 1 DVD (153min) . Elenco: Grace Gianoukas et. al. Trama: São Paulo, 2004.

GIANOUKAS, Grace; CARELLI, Rodrigo (Direção). *Terça Insana: Ventilador de Alegria*. Vol. 2. 1 DVD (140min) . Elenco: Grace Gianoukas et. al. Universal Music DVD: São Paulo, 2008.

HOLMES, Eduardo (Direção). *Primeiro as Damas*. Peça de Teatro registrada em Vídeo. Texto: Cris Pereira e Lucas Krug. Ano de Lançamento: 2009. Duração: 1h25min. Vídeo Publicado na Plataforma Youtube. *Humor Primeiro as Damas Completo! { HD }*. Canal: *Headsman*. Duração: 1h25min47s. Publicado em 31 mar 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LvpZjq6br4A> > Visitado em: 04 abr 2016.

PAVANELLI, Flavia. Minha Festa de 18 anos #Pavanelli18. Vídeo publicado na plataforma YouTube. Canal: *Flavia Pavanelli*. 2016. 13.59 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nk43PXdlZS8>> Acesso em: 14 abr 2016.

PIRES, Júlia de Moraes. *A Função Social da Comédia - o teatro sem sofrimento*. 2010. Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Orientação: Prof. Kátia Kodama. CELACC – Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVER, Nicky. *The Altruists*. Paperback. 1. ed. Nova Iorque: 2001. ISBN: 9780822218067.

SILVER, Nicky. *The Eros Trilogy*. Dramatists Play Service Inc; 1. ed. 1999. ISBN: 0822217104.

SIMSON, Ivan Von. (Direção). *Quinta Categoria*. Programa de Auditório. Apresentação Tatá Werneck et. al. 4 temporadas, 40 episódios. São Paulo: MTV-BR. Transmissão Original: 13 mar 2008 à 23 dez 2011.

STANISLAVSKI, Constantin. *Manual do Ator*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ANEXO

Texto:

Vini - Oi sejam bem vindos. Namastê. Gratidão. Aqui tem uma mesinha com cházinho e bolachinha. Vão se acomodando. Deixa eu apresentar pra vocês aqui o Joãozinho Dedos mágicos, que toca como ninguém. Já ta todo mundo acomodado? Então eu declaro oficialmente aberto o Tratamento Especial Para Compulsivos Obsessivos, o T.E.C.O. Eu sou o Vini, o idealizador desse projeto. Depois eu vou falar um pouco mais sobre ele. Agora eu to vendo que tem muitos rostinhos novos na reunião hoje. Qual teu nome minha flor? "Fulana". Posso te chamar de "Fulaninha"? "Sim". Fulaninha eu vou te explicar as regrinhas, ta? "Sim". Todo mundo presta atenção junto com a Fulaninha que eu só explico uma vez. A primeira regrinha é que nós somos podemos expor nossos vícios dentro do circulo do bota pra fora. Mas Vini, o que é o circulo do bota pra fora? É o circulo que todos nós temos em volta de nós mesmos, a nossa quinesfera. A gente sempre abre ele, antes de botar pra fora, ok? Entendeu querida? Qual teu nome flor? "Sicrana". Posso te chamar de Sicraninha? "Sim". Não mente pra mim Sicraninha. Porque a nossa segunda regrinha é justamente essa: é proibido mentir. A não ser que esse seja o teu vicio daí eu não sou ninguém pra julgar. Porque a nossa terceira e última regrinha é justamente essa: é proibido julgar verbalmente nossos parceiros de TECO. Pra isso a gente tem um esqueminha. (faz o esquema) Todo mundo entendeu? Então quem vai ser o primeiro a botar pra fora hoje?

Paola - O mundo gira. O mundo é um moinho, as vezes você está em cima as vezes você está afundado na água. As vezes estamos em Cancun, as vezes estamos em Quintão, as vezes estamos no Barra Shopping as vezes no shopping rua da praia, as vezes tomamos clericô e as vezes cachaça de butiá. Minha vida tem sido assim, cheia de altos e baixos devido a um fato que me acompanha. Eu sempre frequentei lojas de departamento, e eu sempre ia com um olhar muito atento selecionando o que eu queria. Eu olhava, "olha essa regatinha azul, porque não provar? em casa? É tão mais confortável! Opa..tá solta.." olhava para os lados, via se não tinha ninguém olhando e colocava delicadamente na bolsa. Usurpei.

Desde pequena convivo com esse vício, um dia fui na casa de uma amiga, Michele e ela me mostrou toda encantada uma barbie negra, fiquei paralizada, achei aquilo tão exótico, nunca tinha visto uma barbie negra. Aquilo me inflou, me excitou e não pude evitar, coloquei dentro da mochila e saí correndo, usurpei. Na adolescência lembro de usurpar carteiras de cigarro, bolsas, carteiras, bebidas e carros, principalmente com teto solar pra usurpação ter adrenalina. Na adolescência não fui muito popular, porque usurpei todos os namorados das minhas amigas, até o Jéberson, que usava aparelho. Na faculdade, eu tinha uma colega que tocava em bares da cidade. A Lu, Ela foi lá em casa uma noite e me mostrou uma pasta amarela que ela tinha com todas as letras de música que ela já havia composto. Me encantei por aquilo de uma maneira, me excitei imaginando uma carreira musical que eu nunca teria. Usurpei a pasta e as botas que ela estava usando que eu havia achado bonitas. No dia seguinte, questionando ela me disse: Você me deixou de mãos atadas, de pés descalços, não vem falar dos seus problemas que eu não vou ouvir. Tô nem aí! No fim ela usou a nossa história e fez um hit naquele verão. Coitadinha da Lu, ela nunca pode implicar outro sucesso porque todas as músicas eu já tinha usurpado. Anos depois tentei vender quatro músicas para a Ivete Sangalo mas a Claudia Leite foi mais esperta e usurpou todas as músicas antes. Uns anos atrás fiz uma pequena viagem a Dubai, que cidade linda! É uma cidade que respira.. dinheiro! eu estava tão realizada.. já havia usurpado quase a cidade inteira mas ainda não estava saciada. Ao deixar o Hotel usurpei alguns objetos do meu quarto como: tv de plasma, cama, algumas almofadas, três poltronas que ficavam embaixo da janela, o vaso sanitário e o box que eu tinha achado muito elegante. Deixei as toalhas de rosto e de banho, porque elas não eram 100% algodão, e em troca usurpei a Mercedes, a camareira. infelizmente Mercedes não se adaptou ao Brasil e tive que deporta-la. O tempo foi passando e eu continuei nessa condição. Lembro que meu auge foi uma vez que fui visitar meu avô no asilo, no bairro Moinhos, quando cheguei lá me deparei com um velho que estava logo na porta em uma cadeira de rodas em estado Semi vegetativo, um babador e uma roupa que exalava urina e fezes. Aquilo mexeu comigo! Me estimulou! quando me dei conta estava descendo a mostardeiro, curtindo a adrenalina daquela usurpação. No meio daquela loucura que sentia, imaginei um filho meu, que eu ainda não

havia usurpado, estava do meu lado perguntando quem era eu. Respondi para aquele filho imaginário, Sua mãe é uma usurpadora sim, sua mãe mantém um ancião preso no sótão todos esses anos e você nunca percebeu, sim! Michel Miguel sua mãe é uma usurpadoraaaaaaa! E seu pai também. Fui tomada por um misto de tristeza e felicidade. Chegando no Parcão, catei aquele velho da cadeira de rodas, acomodei ele em um banco, sentei na cadeira de rodas, refleti um pouco..e saí sem rumo pela Goethe. Me questionando. Você é eternamente responsável por aquilo que usurpa. Cheguei na protásio peguei um táxi, fui pra casa e pensei: eu preciso de ajuda! Pesquisei na internet, um grupo de apoio em Los Angeles para pessoas como eu. Lá me senti muito incluída, alguns haviam usurpado coisas muito maiores do que eu. Como navios, barcos, helicópteros e até países. Chegando ao Brasil, me senti em casa. Percebi como o nosso país é maravilhoso, é um país que acolhe muito bem usurpadores, de classe como eu. Pensando nessa potência do nosso país, resolvi lançar o site UsurpadorasOnline.com. A ideia é coletar relatos e histórias de usurpação para lançar um livro, que será de minha autoria, claro!

Digão - Nãoooo. Nãoooo. Julhinhooo. Não. Julhinho. Meu parceirão da Praia do Rosa; Bah foi mal pelas...Nãoooo. Nãoooo. Robertinhooo. Não. Robertinho. Meu parceirão do condomínio de Atlântida.Foi mal pelas veste. É que eu sou fissurado em surf. No verão eu já me mudo pra santa, né pai. Já faço aquele esquema Garopaba – Balneário Camboriu, ali Praia Brava. Fico no esquema da Brioi – BR 101. Minha base é em Floripa. Minha baia fica na Armação, curto faze umas noitezinha no Campeche. Foda que eu sou da babilônia, né pai. Eu moro aqui na selva de pedra. Concret Jungle. No inverno, às vezes, eu to dropando a vala ali no Marinha e vejo aquele pôr-do-sol e eu já dolhe né pai. Por que quem nunca imaginou pega onda no Guaíba, já dizia Armandinho, pai Armando, meu mestre. Eu aproveito que eu to sempre com o Long Jon por baixo, as bóia na caranga. Eu entro nem que seja só pra da uma remada no Guaíba, sentir a conexão com a natureza. Por que surf é Jah, é lemanjah. Às vezes ela manda uma good vibration, né pai. Umas ondinha de 30 centímetro. Nem que seja só pra gente senti a ondinha, senti a ondinha. É bom uma ondinha, né pai? Um dia eu tava preso num engarrafamento na

Ipiranga, indo pra PUC. Que eu você graduado né gurizinho. Tem que estuda, faze o cursinho. E eu tava preso ali na Ipiranga, o stand up nos hack da caranga, o Long Jon sempre por baixo. Já entrei no arroio dilúvio e fui remando. Cheguei na PUC muito antes. Isso aí é inovação, é pensamento da galera do surf, é pensamento positivo. Isso aí é da gringa, Haway, Johs. Bah foi mal pelas vestimenta, né pai. É que eu acabei de chega do bate volta ali das tramanda. É que eu li no waves ontem que ia entra o sweel daí eu já liguei pro Joel meu brother perguntando se ele pilhava o bate e volta e ele respondeu “eu hoje acordei querendo ver o mar”. Daí fecho todas né pai. Eu já falei pra ele ir botando as bóia na caranga e a gente partiu cedão, pelas 6 da matina já dropamo a freeway, pega a rota graal e fomo ouvindo um som irado altos armandinho. Solta gurizinho. Um salve a pai armando meu rei. Fomo queimando altos bauduco também né pai. Chegamo no píer das tramanda pelas 7 e 15. E puta que pariu tava uma crowd no pico. Mas o marzinho tava muito top gurizinho. Ventinho terral quebrando um metro e meio tubular. Solta. Aquela esquerdinha clássica do píer. Já vesti meu long e comecei a fazer meus alongamentos. E fiz minha oração pro pai armando e entreguei nas mãos de Jah. O mar tava muito foda pra vara, ta ligado? Tomei umas 3 séries na cabeça pra conseguir chegar na arrebentação. Mas quando cheguei lá já peguei a primeira onda que eu vi né pai. Tu sabe que eu sou fominha né gurizinho. Peguei aquela esquerdinha clássica tubular de um pau e meio. Aí eu vi né. Veja. Daí olhei pra trás e eh eh eh tinha um filho da puta querendo me enraba e pegar minha onda. Daí eu só falei “vaza haule, aqui no pico eu sou local”. Daí continuei dropando a esquerdinha, eu tava dentro do tubo quando – plein – pula um boto do meu lado. Plein pula outro. Daí eu olho pra trás e tem força de boto. Força de boto. Eu já soltei o meu lash, mergulhei e fui nadando atrás dos boto, nadando atrás dos boto. Até que um boto me deu a mão. Ihhh ta loco. Boto não tem mão. Era uma sereia pai. E o que ela fez pra me conquistar? O que toda sereia faz. Canto pra mim. “eu hoje acordei querendo ver o mar, mas eu moro bem no meio de uma selva de pedra”. Já me apaixonei né gurizinho. Canto um pai armando no meu ouvidinho é tiro dado bugio deitado. A sereia foi me levando pro fundo do mar, me levando pro fundo do mar. Eu já tava bem sem ar nessa hora, mas eu surfo desde o saco do meu pai então eu to acostumado né gurizinho. A sereia me levo pra um castelão que era a baia dela

e me apresento pro coroa dela que era um peixão de cabelo branco com o tritão daí o tio finco aquela para na minha bunda daí eu disse “ aí não né tio”.
Ihhh. Daí eu virei um sereio também e comecei a surfa que nem sereio, surfa que nem sereio. Dropei todas corrente marítima. Mas daí rolo uma treta dumas parada lá meio que do El niño, não to ligado muito bem. Mas quando vê eu fui para no Uruguai ta ligado gurizinho. E lá eu compus essa canção:

“O Uruguai é irado

Lá é liberado

O Uruguai é irado

Lá é liberado

O primeiro pico

Foi Santa Tereza

Put a Fortaleza

Achei muito Firmeza

O segundo pico

Era La Pedrera

Só gata brasileira

Mó topzera

Mó topzera

O Uruguai é irado

Lá é liberado

O Uruguai é irado

Lá é liberado

As mina tão no mar

E as sereia tão na areia

E eu fiquei no meio

Perdi, virei sereio

O terceiro pico foi perto da fronteira

Comprinhas em Riveira

Red Bull e uísqueira

O Uruguai é irado

Lá é liberado

O Uruguai é irado

Lá é liberado”

Só os louco, não adianta. Falou galera. Agora eu to partindo pro Rosa que ta quebrando altas!

Greta - Me chamo Greta, sou alemã, moro no Brasil há anos. Estou aqui para falar de um vício meu, uma coisa que carrego comigo há anos e não consigo evitar, quando vejo já estou fazendo. Mas não me faz mal, bem pelo contrário, me encanta! Me arrepia! Sou viciada em patê. Apaixonada! Eu como patê sempre que posso, de café da manhã, almoço, café da tarde e janta. Sou tão viciada que criei um controle de qualidade para o patê: um patê só é bom quando se chupa o saquinho até o final. Ontem, chupei tanto um

saquinho que cheguei a reutiliza-lo de tão limpo que o saquinho estava. Esse eu acertei!

O patê está na minha família há anos, Ixi! A muitas gerações. Minha família na Alemanha era muito pobre, em um natal, minha mãe resolveu fazer um patê de peru. Comemos aquilo por semanas. Até o carnaval. Meu avô era um especialista em patê, fazia patê de Bristoli e Chucrutes, típicas receitas alemãs, na guerra meu avô trabalhou muito. Ele não tinha uma perna e para compensar sua ausência na guerra ele alimentou todos os soldados com patê. Não que meu avô gostasse de nazismo, mas ele gostava de patê. Ali, descobri a facilidade do patê, porque fazer patê nada mais é que separar o que se quer fazer de patê, bate bem, coloca uma aguinha para não abaturar, pode até colocar no liquidificador, coloca num saquinho, amarra a pontinha e está pronto! Depois disso comecei a estimular meu dom nato por fazer patê, atualmente consigo fazer patê de qualquer coisa. E não me desafie! Semana passada fiz um patê de feijon. Gostei muito! Agora pensando, poderia fazer patê de arroz, assim eu teria tudo que necessito para uma refeição completa, rica em nutrientes, conforme os brasileiros, o bom e velho arroz e feijão. Vou pensar sobre isso! Esses dias fiz um patê de farofa, típica receita brasileira, achei seco! Mas acredito que a combinação de patê de farofa com patê de churrasco gaúcho, seja fantástico! Assim como patê de batata palha e strogonofe de patê combinam muito bem! Esses dias no desespero, estava horas sem comer um patê, entrei no supermercado e comprei um patê qualquer, frango com ervas finas. Ah por favor! Fui até o caixa e questionei a moça perguntando: Não sinto o gosto de frango, muito menos de ervas finas! Ela não entendeu a minha revolta, disse então para o gerente: Isso não é frango! É pinto! Carne de pinto! Esse produto está embalado errado! Ele disse pra eu reclamar com a Predileta..patês de supermercado! uma porqueira! Moem qualquer coisa e dizem que é frango. Ah vá a merda! Doischvinoifroilinpatê! Mas a minha maior paixão, o meu menino dos olhos, o meu patê predileto é o de azeitona! Ahhhh! Como eu gosto de patê de azeitona! Mês passado, fiz tanto que não tinha mais espaço no congelador. Levei então uma provinha para minha amiga Olga, do 405. Ela foi logo pegando um

saquinho e chupando, quando percebi vi que seu lábio superior estava inchado, parecendo um patê de beijo. Descobrimos mais tarde, no hospital, que Olga é alérgica a azeitona! Como pode? Nunca vi disso! Imschdoichsminpatê! Você é a minha melhor amiga aqui no Brasil. Além de gostoso, o patê é extremamente econômico, esses dias economizei mais de 20 reais! Fui no cinema assistir Invocação do Mal e levei meus próprio patês. Patê de pipoca e de coca zero. Cada cena tensa do filme me dava mais vontade de chupar meu patê e foi o que me acalmou. Ui! Que filme horrível!

Vini - Eu nasci no dia 29 de fevereiro de 1992. Uma criança índigo e não cristal. Um profeta da nova geração. Um pisciano com ascendente em escorpião e lua em aquário. No meu mapa astral já estava escrito: você é um viciado. Eu segui meu destino e na primeira mamada na teta de minha mãe, no seio de pachamama, eu já me viciiei no leite materno. Durante 6 meses eu não desgrudei do seio de mama até que ela perdeu 42kg, eu engordei 18. Mama então contratou uma ama de leite, Celanira. Celinarina acabou secando nas primeiras 3 semanas e mama contratou outra, outra e outra. No total foram 7 amas de leite, um número cabalístico que de pouco me serviu. Mas foi quando eu completei 15 meses de existência na Terra que Lua Bela veio para fazer parte da nossa família. Uma vaca leiteira que mama trouxe de Nãometoque no interior do estado. Tomei tanto leite daquela vaca que acabei ficando intolerante a lactose. (Joãozinho agora a musiquinha animada) Na infância tive vícios terrenos que muito me desviaram do meu caminho: Tv e videogame. Eu passava todo meu tempo na frente da tela, eu não saía pra rua, não pisava na terra, não trocava com outros seres para evoluir. Até que uma voz do além me disse: "desliga essa tv e vai ler guri". Aí... Ilaê... Ilariê... Namastê. Eu me tornei um leitor. Li todos os livros do Deepak Chopra, do Paulo Coelho, o mago. Também li livros muito esclarecedores como A Profecia Celestina, O Segredo, O Universo em Desencanto, O Monge Executivo, Pai Rico, Pai Pobre, Como Brigar com seu Chefe, Não Brigar com seu Pai, Os tarôs de Osho - nessa época eu fiquei viciado em baralho - também li o Kamasutra, o Kamasutra Gay, o Kamasutra Lésbico e o Kamasutra Bissexual, afinal somos todos um só. Fiquei completamente viciado em sexo. Posso me orgulhar e dizer que fiz todas as posições de todos os Kamasutras. Fiz sexo tântrico, troquei energias

místicas com diversos corpos, era um entra e sai de Chakras. Acabei ficando com o Chakra sexual totalmente arrombado. Tive que fazer uma reclusão. Comecei minha jornada espiritual. Eu comi, rezei, amei. Eu desbravei os sete cantos do tibet. Eu lavei minha alma no Ganges. Eu consegui entrar no Butão. Nessa jornada mística eu tive muitos aprendizados: A yoga, a meditação, a autoajuda, hábitos saudáveis como andar de bicicleta. Adquiri uma magrela massa de aro leve, pneu fino, sem freio, sem marcha, de bambu reciclado, dobrável, que ta guardada aqui, na minha pochete. Andando pelas ciclovias inacabadas dessa cidade eu tive um momento de translucidez e revolvi criar o T.E.C.O.. Que mais do que uma simples reunião é um movimento de evolução e ampliação de mentes.

Rafaela - Oi, desculpa, posso entrar atrasadinha? Desculpa chegar só agora, é que sério, aconteceu uma tragédia, vocês não imaginam, eu tava vindo pra cá e vi que tinha um charmander que é um pokémon de fogo e ele tinha 415 de cp, tentei pegar com uma pokébola normal, mas como o cp era alto, só com ultraball. Aí eu tive que ir até o viaduto da Conceição, que é um pkestop pegar uma ultraball, voltar e capturar o charmander. No fim foi bom porque choquei dois ovos no caminho. Tá tudo no snap, pra quem quer acompanhar a saga. E foi por isso que eu me atrasei. Sério esse jogo é uma loucura!

Falo aqui no círculo? Tá.. então..meu nome é Rafa, Rafaela enfim..eu tenho 17, faço cursinho e academia, porque a gente não pode parar, né gurias? Eu tô aqui pra falar desse vício que as pessoas dizem que eu tenho que é o celular. dizem que eu não tenho foco em nada, que não presto atenção nas coisas e nunca termino os assuntos. Eu discordo...(apita o celular) onde é que eu tava?

Sério que vocês têm um músico aqui? Ahhh! As gurias não vão acreditar, Eai? Posso fazer um snap contigo? Toca qualquer coisa aí.. Oiiiiii guriassss! Hoje é sexta feira!! Hoje tem, não quero ver ninguém parada cachorras unidas!! Ahahhahahhahahha Posso colocar um filtro retrô? Massa! Agora stop! Ou seja pare! Sério, tu é tri gatinho, pena que eu tenho namorado.. Ahh! Meu namorado, por exemplo..diz que eu não tenho tempo pra ele, calma,

a gente namora a três semanas, é claro que eu vou conseguir tempo pra ele, só me dá espaço! "Alô?! Oi amoor..eu também tô com saudadeeee, eu também te amo! Não, eu amo mais! Pára.. tá eu tenho que desligar. Beijinho!" Desculpa, era a minha vó. Ela é muito carinhosa. Ai, eu preciso tomar água, sério se não fosse esse aplicativo eu nunca ia lembrar! E tomar água é tri bom e hidrata. Que saco! Hoje era dia de usar verde, sério, parem de colocar foto de comida no instagram, mas essa lasanha tá gostosa. Ahhh tenho que alimentar meu pou, sério eu sou uma ótima mãe, aí, ele tá todo cagado. Sério Stefany, o Cauã? Bandidaaaa! Tá, onde é que eu tava..ahh..o meu namorado, então ele sufoca. Ele não me dá tempo. Desculpa eu tenho que atender, "oiiii, eaiii? Quer buscar a tua capivarinha quer? Então vem! Então vem! claro que eu te espero tigrãzinho! Procura no google maps, Eu peço no ifood. Tá bom, beeeijocaaa" viu como ele me persegue? Não me deixa fazer nada sozinha, eu podia ir de uber. Gente sério, para tudo, tem um Pikachu aqui perto, o centro é cheio de Pokémon elétrico. Aiii tô sem ultraball de novo tá eu vou indo nessa! Beijinho.

Criança Goldsztein - Alguém quer compra esse prédio que eu fiz? É da Goldsztein. A Goldsztein é a melhor construtora que tem. E eu sou corredor, corredor de imóveis da Goldsztein. Mas os meus amigos nunca querem comprar os prédios que faço da Goldsztein porque eles dizem que as paredes são de cartolina. Dãã, nada a ver, é gesso acartonado. Quem nem são as paredes nos EUA. É drywall. Acho bem coisa de brasileiro gostar de parede de tijolo.

Criança Balas - Eu adoro chupar bala, eu gosto porque é bom! Quando eu era mais menor eu falava muito, daí a minha vó que não me aguentava mais me deu uma bala e eu fiquei viciada. Minha mãe diz que quando eu for de maior eu vou ter que fazer um tratamento pra parar de chupar bala. Porque eu chupo muita bala. Mas os meus dentes não são podres, eles não são. O dentista disse que só um dente de leite que eu tinha, tarra com carie. No dia que ele caiu, eu achei que era uma bala e engoli meu dente de leite e depois ele saiu no banheiro..achei nojento!

CG - Mas se vocês quiserem o prédio que eu fiz da Goldstein tem opção com parede de tijolo, ta? E ele bem amplo, tem 4 suítes, e o living tem 100 metros quadrados com três ambientes, varanda, lareira, churrasqueira e vista pro Guaíba. Diferente desse prédio aqui que tem 90 metros quadrados e 3 dormitórios sendo uma suíte, que deixa as peças bem pequenas. Esse aqui é da Bolongnesi.

CB - Eu gosto de todos os tipos de bala, Bala xaxá, freegel, bala de côco, tem as balas sete belo de maçã verde e de gurte. Tem as balas de café, que me deixam agitada e aí eu chupo só de manhã.

CG - A Goldsztein é a melhor construtora do mundo. Esse prédio que eu fiz da Goldsztein custa 2 milhões e só precisa de uma entrada de 30% e pode ser parcelada em 208 vezes com parcelas que vão diminuindo ao longo do tempo. E pode ser em qualquer banco: HSBC, Banco do Brasil, Bradesco, Bradesco Prime, Itau, Itaú Personalité, Credimatone,

CB - Tem halls de morango, menta, halls preto, halls azul que não tem sabor nenhum, cereja, frutas cítricas, maracujá, melancia, limão...tem muitos halls!

CG - Santander, Banrisul, Unibanco, Banco Safra, Cacique, CityBank, Bamerindos, BMG. Só não pode Caixa, ta?

CB - Bala pastilha que é azeda mas depois a boca acostuma. Bala Fizz que borbulha na boca, pirulito que é uma bala só que no canudo, mas tem gosto de bala igual e as vezes tem chiclete no final, que eu gosto, mas eu prefiro bala. Bala Soft que a minha mãe não deixa mais eu chupar porque uma vez eu me entalei e fui pra emergência e tiveram que enfiar uma pinça na minha goela pra tirar. Esses dias eu chupei uma bala soft escondida da minha mãe, me entalei de novo.

CG - Esse prédio que eu fiz da Goldsztein, tem piscina adulto, piscina infantil, piscina com raia semiolimpica de 25 metros, piscina coberta aquecida, spa, deck seco, deck molhado, deck de grama, deck de madeira, deck de areia (que parece uma prainha), toboagua e piscina com ondas. É quase igual ao Aqualokos, mas só pra moradores da Goldsztein e não precisa pagar, só o condomínio em dia que é muito importante.

CB - Balas toffe que tem uma melequinha dentro. Tem aquelas balas valda, bala de tira que tu compra uma bala e vem 10! Balas pam, que tem gosto de remédio, mas que não é remédio, é bala e daí fica bom. Bala de goma, que tem vários modelos: de coração, beijinho, que tem formato de banana, tem uma que parece uma cereja, as azeda, as de minhoca, formato de dentadura, ursinho, tem as redondas pra quem é mais tradicional. Bala Dulcora que é a imitação de Halls só que com sabores mais exóticos, tipo: Melão.

CG - Uma vez eu fui visitar minha colega Júlia Perilo, e o apartamento dela era muito pequeno, era da Tenda. Ela teve que colocar um espelho enorme na sala pra parecer maior. Eu não caio nessa!

CB - Tem também aquelas balas que os adultos gostam de chupar, uma vez eu peguei uma bala dessas do meu primo, eu chupei e vi um pato de borracha que era mau.

CG - No prédio da Tenda só tem garagem, mas no da Goldsztein também tem quadra de futebol, quadra de tênis, quadra de squash, quadra de vôlei, quadra de handball, quadra de badminton..

CB - Tem bala de borracha, daí uma vez os meus pais me levaram numa passeata fora Temer, eu fiquei feliz porque eles disseram que iam meter bala, mas aí caiu uma perto de onde a gente tava, eu chupei e era ruim. Bala de policia não é bom.

CG - Quadra poliesportiva, quadra coberta, quadra de grama, quadra de saibro, tem pista de cooper, pra uma caminhada matinal, pista de atletismo, se você quiser ser um atleta olímpico.

CB - Uma vez me deram um kinder ovo e quando eu abri tinha uma bala laranja dentro, gigante, daí eu chupei, engoli e caguei um jogo da memória inteirinho.

CG - Tem salão de festas, espaço gourmet, espaço kids, espaço teen, espaço old, que é o espaço de comida, espaço de criança, espaço de adolescentes e o espaço de gente mais velha. Eles podem jogar bingo lá, e os adolescentes podem se beijar. Eu já beijei minha colega Júlia Perilo, mas foi na garagem do prédio da Tenda. Esse amor não vingou.

CB - Tem umas crianças na minha rua, que já morreram de bala perdida. Eu não sei que bala é essa que elas chuparam, mas bala tem que ser doce, tem que ser bom! Quem nesse mundo faria uma bala que mata criança?!

Carlos Rosenfelt - Olá, tudo bem? Tudo bem? Eu sou Carlos Alberto Campos Rosenfelt. Um usuário, um dependente, um viciado (da uma fungada) em cafezinho preto. Eu gosto muito de tomar cafezinho preto porque eu sou uma pessoa que gosta muito de conversar. Eu gosto de reunir os meus amigos, dar festas. Às vezes meus amigos não conseguem acompanhar minha conversa então eu começo a distribuir cafezinho preto. Eu coloco cafezinho preto no meu escritório, cafezinho preto no banheiro, faço os garçons passarem com bandejas de prata com cafezinho preto. Por que eu gosto de festas que durem, as festas La em casa duram dois, três dias. O nosso recorde foi na virada do milênio que só entramos no século no dia dez. Eu sou da geração dos anos 80, a geração do cafezinho preto. Uma geração de muita produtividade, muita criatividade, de liberdade. Por que a juventude atual diz que eu sou preconceituoso, que eu sou homofóbico, imaginem? Eu até tive amigos que eram gays. Renato Russo e Cazusa. Nós passávamos a noite toda tomando cafezinho preto, esperando o dia nascer feliz. Às vezes o dia não nascia tão feliz assim. Nos baixava uma depressão, a gente fechava todas as janelas correndo, trancava as portas e ia pra cozinha preparar mais cafezinho preto. Eles iam compor canções e eu ia escrever meu tcc da faculdade de administração. Por que alguém precisa trabalhar nesse país, não podem todos ser artistas que mamam nas tetas do governo através da lei Rouanet. Mas o que me preocupa na juventude atual, essa juventude esquerda de boutique, estudantes de humanas da UFRGS, esses sarnentos, são as balas. E eu não estou falando de balas de cafezinho preto, não. Que aliás são uma heresia para um verdadeiro apreciador de cafezinho preto. Estou falando dessas balas que os jovens tomam nas festinhas, nas raves, nos cruzeiros. Um dia eu li uma notícia no portal do G1 de um jovem que tomou uma bala e morreu. Eu digo aos jovens que não usem essas coisas. Se esse jovem tivesse tomado 18 litros de cafezinho preto ele ainda estaria vivo e com o tcc entregue. Por acaso vocês já leram alguma notícia de alguém que morreu de tanto tomar cafezinho

preto? Não. Todo mundo sabe que Renato Russo e Cazuza morreram não foi por isso. Na época que eles morreram eu entrei numa depressão profunda, me atirei de cabeça nos baldes de café preto, eu passava as madrugadas andando de cafeteria em cafeteria e nenhuma mais me aguentava. Então eu resolvi investir no ramo. Comprei uma pequena fazenda de cafezinho preto, mais ou menos do tamanho do estado de Minas Gerais, localizado mais ou menos onde fica o estado de Minas Gerais. Eu aproveitei que tinha uma sobrinha minha que era governadora do estado na época, a Branca de Neves que já aproveitou e fez um aeroporto na minha fazenda pra escoar a produção para os países que mais consomem cafezinho preto como a Bolívia, a Colômbia. Um dia desses eu peguei o meu jatinho e fui a Buenos Aires levar mais ou menos uns 450 quilos de pasta base de cafezinho preto. Quando eu cheguei La a policia federal argentina queria me prender por que argentinos são muito ignorantes. Não sabem que a pasta base de cafezinho preto antes de ser torrada é branca. Eu adoro a Argentina, o único problema são os argentinos. Depois de resolvido (fazer sinal de dinheiro) o mal entendido. Eu peguei o meu motorista e fui para o meu hotel. No caminho eu fiquei preso num engarrafamento na avenida 9 de julho por que estava tendo uma manifestação de esquerda. A única coisa pior que um argentino é um argentino de esquerda. Começou a me dar um nervosismo por estar trancado lá a mais de 17 minutos sem uma boa dose de cafezinho preto. Então eu descí do carro e saí andando pelas ruas com muito ódio, eram mais de 60 mil argentinos na minha volta e tava me dando uma vontade de matar um. Eu sei que eu poderia me dar mal, mas um pelo menos eu matava. Mas daí eu vi o obelisco então eu resolvi subir para me livrar da multidão. Eu comecei a escalar, escalar até que eu cheguei no topo e La eu encontrei uma cafeteria, que é muito exclusiva, poucos sabem que ela existe, é mais ou menos uns 18 euros um cafezinho preto e eu já pedi logo um expresso duplo. Me deu uma vontade instantânea de fazer coco. Então eu pensei “meu deus, como eu vou descer daqui? Preciso achar um banheiro”. Descobri que tinha um elevador pra descer. Comecei a chamar o elevador, chamar o elevador. Quando eu entrei no elevador vocês na vão acreditar em quem estava lá dentro. O Lula e o Maradona. O Lula eu matei. Com o Maradona eu me entendi. Fomos para o meu hotel, ficamos muito amigos, passamos a noite toda tomando cafezinho preto, tomando cafezinho preto. Conversando sobre

Brasil, Argentina, política futebol. Comecei a achar o Maradona muito melhor do que o Pelé. Depois dessa noite com Maradona eu tive uma epifania e percebi como o cafezinho preto me livrou dos meus preconceitos. Até fiquei amigo de homossexuais e argentinos graças a ele. Se alguém aí estiver querendo se livrar dos seus preconceitos a gente pode preparar um cafezinho preto e ficarmos a noite toda aqui tomando cafezinho preto e conversando. Alguém trouxe café? Por que hoje eu só trouxe o açúcar.

Fátima - Boa Noite! Eu estava me segurando, eu não ia falar nada, eu não queria de maneira nenhuma ser ofensiva ou me expor de uma forma grosseira, já que temos aqui alguns que são viciados na própria reunião. Mas eu não me aguentei, eu preciso falar. Eu estou aqui pela quarta vez, que eu acompanho a reunião, eu não tinha falado nada mas hoje eu vou falar porque acredito que a minha contribuição seja extremamente relevante para nós que estamos aqui reunidos e que vai sim, agregar a cada um de vocês. Eu por exemplo, hoje de manhã tomei duas xícaras de cafézinho preto, que não eram pequenas, então, segundo este homem que acabou de sair daqui, eu sou uma viciada em cafézinho preto. Aquela menina que está com a mão enterrada no pote de biscoitos desde que chegou, ela é uma viciada em biscoito. Se eu tomar banho todos os dias eu sou uma viciada em higiene. Quem é que comeu hoje? Quem é que come todos os dias aqui? Viciados em alimentação.

Mas o que é isso? Isso não pode ser! Isto está errado! O meu questionamento aqui é sobre o próprio vício, já que em teoria, todos nós, em algum aspecto, temos a capacidade de te-los e também temos capacidade de relatá-los. Ao conhecer o projeto T.E.C.O., eu criei sim uma expectativa deste lugar. Vim aqui ansiosa porque achei que seria um lugar para o debate, para a discussão, mas ao chegar aqui encontro um músico boêmio tocando músicas contemporâneas, encontro pessoas frágeis discutindo suas próprias vidas e relatando os seus próprios vícios, e não, um momento coletivo de debate, de discussão e de aprendizado. Então eu fiquei decepcionada sim, acho que essa reunião, sendo completamente educada, espero que ninguém se ofenda, essa reunião é uma

falácia. Essa reunião não se propõe ao que está dito no panfleto, porque até então não se debate sobre os vícios. Só vejo explanação! Só vejo oratórias individuais e egocêntricas. Este homem que acabou de sair e até aquela senhora do patê, eles são muito individualistas, que só pensam nos seus próprios mundos, só sabem gritar e gritar! e não sabem compartilhar. Isso não pode, isso está errado! Eu sou uma pessoa que tem qualificação, eu sou formada na Universidade de Debate Discussão e Sociologia de Araraquara. É uma Universidade especializada em oratória, lá desenvolvi vários testes, um deles era envolvendo uma vela. Colocavam uma vela acesa na nossa frente e nós tínhamos que testar a nossa oratória, se a vela se mexesse ou apagasse você estava fadado ao fracasso da oratória. Eu, fui uma aluna exemplar, modéstia a parte, somente eu consegui discursar durante 7h, sem a vela se quer, se mexer. Conquistando então o laptop no salão de iniciação científica. Então eu digo sim, que eu tenho sim capacidade do debate, da discussão e da oratória sobre qualquer assunto colocado aqui e é isso que eu quero gerar, eu quero gerar um debate, um fazer pensar entre nós, uma conversa em que não vamos ficar falando só de nós mesmos. Vou propor então uma atividade, uma dinâmica em grupo, para demonstrar que é possível sim, formular um discurso sobre qualquer assunto e não somente sobre nós mesmos. Temos que sair do nosso mundinho! Então para essa breve atividade, quero que vocês sugiram palavras, assuntos..

Vini - Ahhh que bom Fátima. Que bom quando alguém bota pra fora e discorda de nós. (Fátima fala algo) Percebam pessoal. Como é interessante quando alguém discorda de nós. Quando tentam nos colocar pra baixo e nós pegamos todo esse mal, colocamos em baixo dos pés e fazemos dele combustível pra ir além. Fátima pode ficar aqui comigo querida. Eu não quero que ninguém fique deprê, mas o T.E.C.O ta acabando. Se alguém mais quiser botar pra fora aproveite que é o ultimo momento. Agora vamos cantar a musiquinha tema da nossa reunião. Podem cantar comigo.

Vícios todo mundo tem

Botar pra fora é o que faz bem

Vícios todo mundo tem
Botar pra fora é o que faz bem
Eu era viciado em baralho
Não tinha carro, nem teto, nem trabalho
Entrei pro T.E.C.O. agora sou feliz
Vou pra casa engulo o choro e limpo meu nariz

Vícios todo mundo tem
Botar pra fora é o que faz bem
Vícios todo mundo tem
Botar pra fora é o que faz bem
Depois do T.E.C.O. encontrei uma carreira
Estou aqui de segunda a sexta feira
Então dei a volta por cima
Estou completo e tenho autoestima

Vícios todo mundo tem
Botar pra fora é o que faz bem
Vícios todo mundo tem
Botar pra fora é o que faz bem

.